

DANIEL H. GARRISON ed. (2014) *A Cultural History of the Human Body in Antiquity*. London, Bloomsbury Academic, 376 pp. ISBN 978-1-4725-5468-0 (\$95.00).

Resultado de um conjunto de textos dedicados ao corpo na Antiguidade Clássica, este é um excelente exemplo de como um projecto colectivo com estas características resulta ao mais elevado nível. Para isso, concorrem naturalmente nomes como os de M. B. Skinner, P. duBois e F. I. Zeitlin. As autoras citadas confirmam aqui a sua excelência no domínio dos estudos culturais da Antiguidade, com trabalho particularmente desenvolvido no âmbito dos estudos do género, da sexualidade e da História Social, da Cultura e das Mentalidades, em geral. Neste caso, os seus contributos focam-se nas problemáticas do sexo (Skinner), do corpo humano (duBois) e de *eros* (Zeitlin). A elas, juntam-se outros estudos, como o de MacFarlane sobre a saúde e a doença, os de B. Holmes sobre a tecnologia, a medicina, o género, a raça e a deficiência física, ou o de A. Avramidou sobre o uso político do corpo, entre outros. Como é natural numa obra desta natureza, os estudos aqui publicados seguem uma opção de «estado da arte», ao estilo de um *Companion*, sendo por isso da maior importância e utilidade enquanto sínteses e estados da questão.

Há que referir, naturalmente, que este é o primeiro volume de uma série de seis dedicada à História Cultural do Corpo (seguem-se volumes dedicados à Idade Média, ao Renascimento, ao Iluminismo, ao século XIX – chamado de «Age of Empire», o que parece corresponder a uma perspectiva essencialmente «britanicocêntrica» – e à época moderna – «Modern Age»). Curiosamente, este primeiro volume parte da Antiguidade Clássica, sendo os seus autores essencialmente classicistas (arqueólogos, historiadores e filólogos). O livro ignora assim toda a chamada Antiguidade Pré-Clássica e até a Pré-História, apesar da nota inserida por D. H. Garrison na introdução (pp. 3-7). Esta decisão revela-se deveras incompreensível, até porque há matéria que pode, e deve, ser tratada para essas cronologias. Recordamos, aliás, que erro semelhante foi cometido aquando da edição da *História da Vida Privada* (dirigida por G. Duby e P. Ariès), a qual começa no Império Romano, lançando inclusive a Grécia em zona obscura, e da publicação da *História das Mulheres* (dirigida por G. Duby e M. Perrot), a qual se inicia com a Grécia, mas ignora por completo a Antiguidade Oriental. Mesmo admitindo e compreendendo as perspectivas eurocêntricas, dificilmente entendemos esta decisão em projectos que pretendem funcionar como «perspectivas globalizantes e universais».

Estas nossas críticas não anulam, todavia, a excelente qualidade dos estudos aqui apresentados, que só podem ser elogiados e valorizados. É ainda de destacar a extensa bibliografia, actualizada, de mais de 30 páginas que aqui podemos encontrar. Por outro lado, sentimos a falta de um *index*

locorum, que num trabalho desta natureza seria da maior utilidade para o leitor, até porque sistematizaria a informação ao nível das fontes utilizadas para o estudo da temática em questão.

Nuno Simões Rodrigues

Universidade de Lisboa, Centro de História

DANIEL JUSTEL VICENTE ed. (2012), *Niños en la Antigüedad. Estudios sobre la Infancia en el Mediterráneo Antiguo*. Zaragoza, Prensas de la Universidad de Zaragoza, 263 pp. ISBN 978-84-15538-39-4 (20.90€).

Se há temas que parecem ter-se originado directamente na Nova História, a história das crianças e da infância parece ser um deles. Com efeito, ter-se-á, em grande parte, devido à investigação de P. Ariès e à sua obra *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime* (1960) e, sobretudo, à recepção que esta teve nas escolas estadunidenses, como bem recorda D. Justel, que o interesse pelo mundo das crianças se intensificou entre os historiadores das várias épocas. Apesar de criticado, designadamente ao nível das conclusões que tirou em relação à ideia ou concepção de «infância» como categoria individualizadamente apercebida, Ariès mantém-se, até aos dias de hoje, como um pioneiro nos estudos da história da criança. Esse interesse contaminou, natural e rapidamente, os historiadores da Antiguidade e a obra agora recenseada é a prova de que o tema continua pertinente e com espaço para se expandir enquanto área de investigação.

Como justifica o coordenador do volume em apreço, o objectivo deste conjunto de trabalhos é sobretudo o de contribuir para o desenvolvimento das investigações que se vêm produzindo sobre a temática nos últimos tempos (p. 23). Parece-nos que esse objectivo foi claramente conseguido, dada a elevadíssima qualidade dos textos aqui reunidos, que mostram igualmente o tipo de investigação que se está a fazer no nosso país irmão, neste domínio. Os estudos agora publicados nascem de um projecto cogitado no Instituto de Estudos Islâmicos e do Próximo Oriente e na Universidade de Saragoça e percorrem vários milénios da História da Humanidade, da Pré-História à Tardo-Antiguidade, sem que, contudo, haja a intenção de se fazer uma «História da Infância na Antiguidade», como nota o coordenador (p. 23). Mas estamos à vontade para dizer que se está no bom caminho para isso.

Assim, depois de uma pertinente introdução de D. Justel, podemos ler dois textos de M. Bea, M. Sánchez e E. Alarcón, cujas conclusões assentam em métodos e fontes essencialmente arqueológicos e cujo âmbito cronológico é a Pré-História Peninsular. Seguem-se os estudos de D. Justel e J. Vidal, centrados nas civilizações do Próximo Oriente Antigo, designadamente na Mesopotâmia e no espaço siropalestinense, com especial destaque para